

AS SERRAS E OS RIOS DO MEU BAIRRO: UMA PROPOSTA DE ATIVIDADE DIDÁTICA NO ENSINO DE TEMÁTICAS SOCIOAMBIENTAIS

Luana Aparecida Sanches Crispim¹; José Rafael Vilela da Silva²; Gabriel Barbosa Bassani³

Resumo: Este artigo apresenta como objetivo central a discussão acerca de uma proposta de atividade didática pensada para ser utilizada por docentes de Geografia nos processos de ensino, reflexão e debate de temáticas socioambientais junto aos educandos. Para tal finalidade foi elaborada uma atividade que consiste-se em uma maquete do Bairro Jardim Bandeirantes, zona oeste da cidade de Londrina – Paraná. A seguinte maquete por sua vez trata de forma direta a relação entre hipsometria e relevo sobre o qual se materializa e espacializa toda a estrutura urbana de arruamento e edificações, além de trazer também os principais elementos da hidrografia local desta porção da cidade. Por meio desta maquete enquanto uma proposta de atividade ao ensino e discussão de temáticas ambientais, tem-se por perspectivas contribuir com as reflexões e debates que buscam correlacionar as questões e interações desenvolvidas entre sociedade e natureza nos espaços urbanos, de forma conjunta e integrada em sua complexidade de elementos, agentes e processos. Acredita-se que este recurso didático possa desempenhar papel fundamental neste trabalho, proporcionando o retrato e reflexão sobre o cotidiano e os espaços de vivências locais dos próprios educandos que frequentam as escolas deste bairro da cidade de Londrina.

Palavras-Chave: Maquete; Relevo; Ensino de Geografia;

INTRODUÇÃO

Na busca por se trabalhar conceitos e temáticas relacionadas às questões socioambientais e os aspectos físicos (relevo, hidrografia, solos) da paisagem no ensino da ciência geográfica, existem muitas problemáticas que se sobressaem, este é um fator que direta e indiretamente dificulta o processo de ensino-aprendizagem destes conteúdos por parte dos docentes e educandos. Entre estas problemáticas podem ser destacadas: a dificuldade de constituição de uma percepção espacial pelos educandos de conceitos abstratos e de conteúdos e atrelados em especial a geomorfologia e a hidrografia; o árduo processo de compreensão e visualização por parte dos educandos de elementos e estruturas do relevo, paisagem, e da rede hidrográfica entre outros aspectos físicos da paisagem que encontram-se materializados em seu espaço de práticas sociais do dia a dia e também a dificuldade por parte dos docentes e educandos de correlacionarem e analisar as interações entre os aspectos do relevo e hidrografia e os processos humanos como a urbanização e as atividades econômicas.

A geomorfologia por exemplo, apresenta-se enquanto de essencial importância no ensino básico, pois esta é responsável por um estudo mais aprofundado das formas de relevo e da interação deste com os elementos, componentes e processos da sociedade. O relevo por sua vez

¹ Graduanda em Geografia, Universidade Estadual de Londrina, luana.sanches76@gmail.com

² Graduando em Geografia, Universidade Estadual de Londrina, joseraffael12@gmail.com

³ Graduando em Geografia, Universidade Estadual de Londrina, Gabriel-bassani@hotmail.com

é um dos principais agentes que determinam a infraestrutura das cidades, como por exemplo o traçado das ruas e da malha urbana, entre outros exemplos, sendo desta forma muito importante que a aplicação e reflexão sobre estes conteúdos de forma clara mantenha-se em constante diálogo com a realidade e o cotidiano dos educandos, para que estes possam observar, pensar e se questionar sobre como os aspectos da geomorfologia fazem-se presentes à sua volta (SILVA; SANTOS, 2018). Florenzano (2008) ainda nos aponta que:

Dependendo de suas características o relevo favorece ou dificulta a ocupação dos ambientes terrestres pelo homem. De um lado ele pode ser um obstáculo (ou barreira) ao uso da terra (rural e urbano) e dificultar, além de encarecer, a construção de grandes obras de engenharia (estradas, aeroportos, hidroelétricas etc.). Por outro lado, o relevo e os rios podem servir de limites (fronteiras) políticos entre municípios, estados e países, e ter um grande valor cênico para a exploração do turismo, e estratégico para fins militares em situações de guerra (FLORENZANO, 2008, p. 11).

Por sua vez o estudo, compreensão e reflexão acerca das questões de hidrografia também mostram-se fundamentais. Este ramo da geografia que dedica-se ao estudo das dinâmicas das águas e corpos hídricos é de vital importância aos debates e discussões de temáticas de ordem socioambiental. Uma vez que no espaço dos centros urbanos as relações e ações humanas para com os recursos hídricos em geral, quando não são desenvolvidas em equilíbrio entre a sociedade e o ambiente e com o devido planejamento ambiental, são as responsáveis pelos inúmeros problemas ambientais verificados como poluição, assoreamento e inundações.

Desta forma refletir sobre as dinâmicas dos rios, córregos e corpos hídricos presentes no espaço das cidades, apontando como foco de análise o bairro onde os educandos residem, traz o processo de ensino-aprendizagem para mais próximo destes, de forma a promover discussões que tem como referência a interação e conservação destes recursos naturais tão essenciais para as dinâmicas sociais desenvolvidas no espaço urbano, como exemplo o abastecimento público e saneamento básico. Além disto, faz-se importante refletir em conjunto com os educandos sobre o papel destes enquanto agentes ativos no processo de conservação destes recursos, e desta forma para se buscar o desenvolvimento desta postura ativa por parte do educando, faz-se primordial que este primeiramente conheça a hidrografia da cidade e do bairro onde este vive.

Tendo em observação todos estes aspectos pode-se perceber o quão essenciais se mostram os estudos e reflexões acerca de temáticas referentes à geomorfologia e hidrografia, de forma a se buscar desenvolver entre os educandos a capacidade/habilidade de compreender como o relevo e os rios se mostram fundamentais ao se pensar nas ações e atividades ligadas a constituição e planejamento de toda infraestrutura urbana. É de extrema importância trabalhar estes conteúdos de forma a estimular a correlação entre os elementos naturais e a sociedade, entendendo-os de forma conjunta e indissociável,

avançando assim nas discussões acerca do meio ambiente em toda sua complexidade de elementos, agentes e processos.

Entretanto, muitas vezes o que se verifica em geral no ensino é a existência de uma grande dificuldade por parte dos docentes de se trabalhar estas temáticas. Questão esta por sua vez que pode ser relacionada a dificuldade encontrada por estes em trabalhar conceitos e conteúdos abstratos e de difícil observação por parte dos educandos na paisagem, além do desafio de possibilitar aos estudantes visualizarem e perceberem como a geomorfologia e hidrografia se fazem materializadas e presentes em seu cotidiano, e como estas encontram-se diretamente relacionadas a composição e alteração das paisagens.

Desta maneira, torna-se de excepcional importância que se concretize a incorporação e constante busca por distintas metodologias, atividades e práticas didáticas para o ensino destas temáticas, tendo sempre por intuito promover o aperfeiçoamento do processo de assimilação e aprendizado desta temáticas por parte dos educandos, pois estudar e compreender a dinâmica dos elementos naturais como: hidrografia, relevo, paisagens, entre outros, é correlacionar de forma integrada, discussões ambientais e aspectos socioeconômicos que fazem-se presentes nas paisagens (SILVA; ARAÚJO, 2018). Assim, destacamos a utilização de materiais concretos, palpáveis e visuais, como por exemplo, as maquetes, que também mostram-se enquanto recursos inclusivos para os educandos que possuem algum tipo de deficiência. Estas apresentam-se como ferramentas muito utilizadas no ensino de geografia, devido as suas inúmeras contribuições para tal, assim como nos apontam Oliveira e Malanski (2008):

A maquete permite uma concreta manipulação e visualização, em terceira dimensão (3D), de diferentes dados e informações, construída a partir de uma base cartográfica plana, em duas dimensões (2D), podendo ser usada, principalmente, por estudantes do ensino fundamental (5ª ou 6ª série), que ainda apresentam um nível de abstração insuficiente para a interpretação de mapas e cartas hipsométricos (OLIVEIRA; MALANSKI, 2008 p. 182).

De acordo com estes autores, a maquete permite aos docentes a exploração dos conteúdos e a inter-relação entre múltiplos aspectos da paisagem em distintas escalas cartográficas e geográficas. Sendo uma das formas mais atrativas de se trabalhar os conceitos da geografia, ao passo que é capaz de despertar o interesse em aprender novos conteúdos e elementos de forma interativa e prática (OLIVEIRA; MALANSKI, 2008).

A utilização deste recurso didático é capaz de instigar a curiosidade dos educandos e despertar o interesse nas aulas. Por meio da construção, visualização e discussões desenvolvidas entorno da maquete e de seu processo de construção, os estudantes podem ter uma visão geográfica concreta da realidade. Com a utilização deste recurso torna-se possível representar distintos espaços, visualizar e analisar todas

as estruturas contidas na maquete e estabelecer correlações com a realidade, assim possibilitando a análise e interpretação do espaço geográfico (DUARTE et al., 2015).

Ainda segundo Cavalcanti (1998) a utilização de maquetes no ensino de geografia contribui aos estudantes no entendimento de como os conceitos geográficos se fazem inseridos em seu cotidiano, pois segundo esta a função da geografia no âmbito escolar relaciona-se à necessidade que os indivíduos possuem em sua formação de aprender o papel que o espaço em suas práticas cotidianas.

Tendo em observação estes aspectos, este artigo traz uma proposta de atividade pensada e elaborada para ser aplicada no ensino e discussão de temáticas socioambientais com educandos do ensino básico (fundamental e médio). Esta proposta constitui-se na elaboração e construção de uma maquete hipsométrica, que aborda questões relativas ao relevo, hidrografia e arruamento urbano do Bairro Jardim Bandeirantes, zona oeste da cidade de Londrina (PR). Com esta proposta busca-se refletir sobre os possíveis resultados e perspectivas que a aplicação desta maquete por docentes de Geografia pode representar para o processo de ensino-aprendizagem, em especial aos educandos do Colégio Estadual Antônio de Moraes Barros, situado no bairro Jardim Bandeirantes, ao pensar sobre as funcionalidades deste recurso didático e também em suas limitações.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para a elaboração deste artigo realizou-se uma extensa revisão de textos, artigos e materiais que tinham por discussão central a utilização de recursos como as maquetes no ensino de Geografia, em especial de temáticas relacionadas à geomorfologia e hidrografia. Foram ainda utilizados recursos e softwares como o Google Earth para a construção e elaboração das representações espaciais e cartográficas, com dados espaciais disponibilizados pela Prefeitura de Londrina através do Sistema de Informações Geográficas de Londrina (SIGLON).

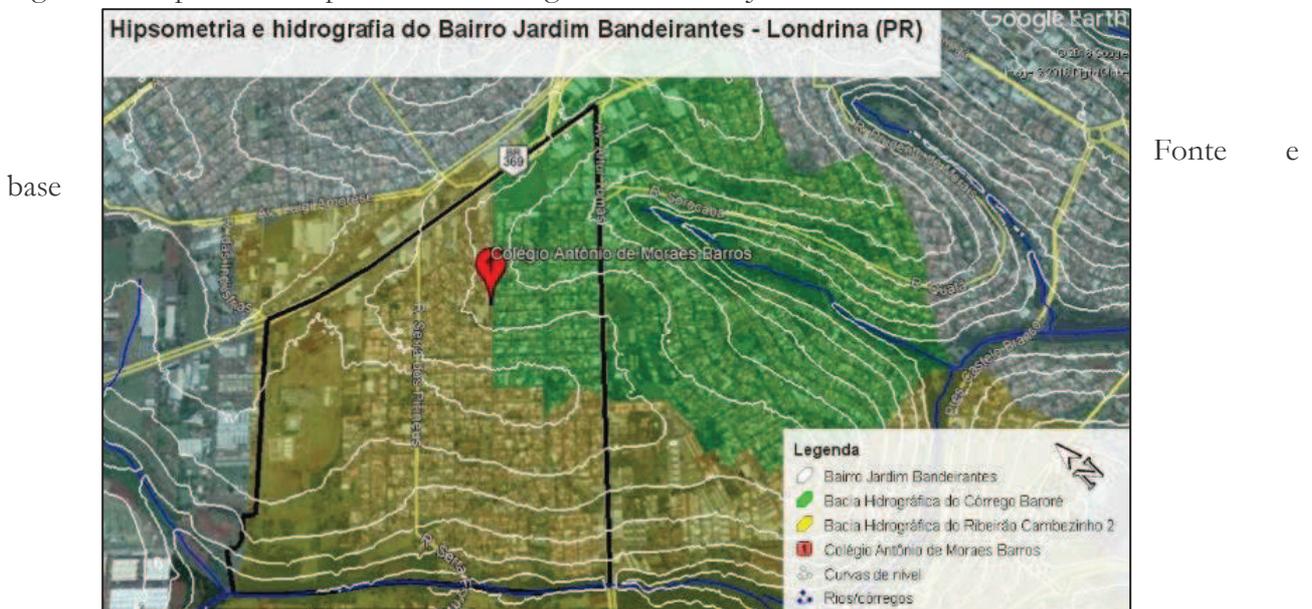
Enquanto proposta de atividade didática buscamos elaborar uma maquete hipsométrica do bairro Jardim Bandeirantes, situado na zona oeste da área urbana do município de Londrina, bairro este onde encontra-se o Colégio Estadual Antônio de Moraes Barros, o qual foi a instituição escolar a que nos dedicamos a pensar e construir uma atividade que pudesse ser aplicada e trabalhada pelos docentes de Geografia deste colégio, retratando a realidade e contexto espacial dos educandos que frequentam esta escola.

Para a construção da maquete, inicialmente buscamos por meio da utilização do software Google Earth e de dados espaciais disponibilizados pela Prefeitura de Londrina, a elaboração de uma representação espacial e cartográfica dos aspectos de hipsometria, hidrografia e arruamento urbano do bairro Jardim Bandeirantes.

A escolha deste bairro teve dois principais motivos, o primeiro está relacionado com a atividade de estágio de observação que pode ser desenvolvida na instituição e o segundo motivo relaciona-se com uma curiosidade e especificidade deste bairro, que é o fato de quase todas as ruas que constituem o bairro possuírem o nome de alguma serra, seja do próprio estado do Paraná ou de algum outro local do Brasil, como por exemplo (Rua Serra Geral, Rua Serra Grande, Rua Serra do Roncador, Rua Serra da Graciosa, etc...). Este aspecto que chama atenção somente reforça a inter-relação existente no bairro entre os elementos do relevo e a constituição e materialização das atividades humanas sobre o espaço, no caso a própria infraestrutura urbana.

O bairro Jardim Bandeirantes, como pode-se observar pela figura 1, encontra-se situado sobre duas bacias hidrográficas urbanas, sendo uma delas a Bacia Hidrográfica do Córrego Baroré (representada na cor verde) e a outra a Bacia Hidrográfica do Ribeirão Cambézinho 2 (representada na cor amarela). Assim sendo, percebe-se o quão ricas podem se fazer as discussões acerca de temáticas que envolvem a geomorfologia e hidrografia somente no espaço deste bairro da cidade de Londrina. As questões relacionadas a apropriação e transformação do espaço e da paisagem no bairro, por conta do processo de urbanização é outra grande reflexão que pode ser extraída deste contexto espacial sobre o qual o bairro Jardim Bandeirantes e o Colégio Estadual Antônio de Moraes Barros se encontram.

Figura 1 – Aspectos de hipsometria e hidrografia do Bairro Jardim Bandeirantes.



cartográfica: Prefeitura de Londrina, 2018; Google Earth, 2018. Elaboração: Os autores.

A construção da maquete na prática por sua vez contou com a utilização de alguns materiais básicos como tesouras, cartolinas, tintas, canetinhas e folhas de papel paran. A pintura da maquete contou com uma ordem de tonalidades que seguiram o padro de intensidade, onde partiu-se de cores como o verde, para representar as poroes mais baixas do relevo, seguindo em direao a cores como o vermelho e marrom para representar as poroes mais elevadas do mesmo. Ainda depois de terminada a

pintura da maquete procurou-se representar sobre esta, com a ajuda de uma canetinha as principais avenidas e ruas do bairro e em posterior foram impressos, recortados e colados os nomes destas vias de circulação, visando assim ajudar no processo de localização e compreensão da maquete por parte dos educandos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um dos desafios encontrados no ensino no ambiente escolar é o de recuperar nos educando o desejo e prazer por aprender e resgatar nos docentes a vontade e a disposição em ensinar, de forma mais criativa, lúdica e interativa, de forma a proporcionar aos educandos um nível maior de vivência e experiência com os conteúdos (CARVALHO; MYSCZAK; OLIVEIRA, 2016). No ensino de geografia em geral essa dificuldade por sua vez se mostra frequente no ensino de temáticas socioambientais e conceitos físicos-naturais. O ensino da ciência geográfica por sua vez precisa ser compreendido enquanto um processo de construção social e também pessoal, que emerge por meio dos interesses sociais e dos estudos das percepções e apreensões do meio ambiente pelos educandos, sendo estes processos importantes para a formação de uma concepção e raciocínio geográfico (MANSANO, 2014).

Assim, pensando nas discussões trazidas por Cavalcanti (1998) acerca da função da geografia no âmbito escolar, ao se refletir a partir da realidade dos educandos, e fazer reflexões críticas enquanto confronta estes conhecimentos cotidianos com o saber sistemático, propõe-se a confecção de maquetes enquanto linguagem didática que permite-se demonstrar de forma tridimensional como os aspectos físicos, como o relevo e a hidrografia, influenciam na configuração territorial e espacial dos espaços e das paisagens, ou seja, a maquete busca contribuir em um melhor entendimento do processo de ocupação urbana, sobretudo no que se refere aos impactos apresentados pelas condições do relevo, acentuando assim a importância das condições naturais locais nestes processos, permitindo uma análise dos “erros” e “acertos” existentes na ocupação do espaço por parte da sociedade (FONSECA; ANDUJAR, 2014).

Novos recursos didáticos, como a utilização de maquetes, fazem-se necessários para aprimorar o ensino de geografia e contribuir para o melhor entendimento das temáticas socioambientais, pois a questão ambiental encontra-se atualmente (inter)ligada às funções e processos urbanos, como o arruamento, as construções e o cotidiano dos indivíduos. De acordo com Mansano (2014):

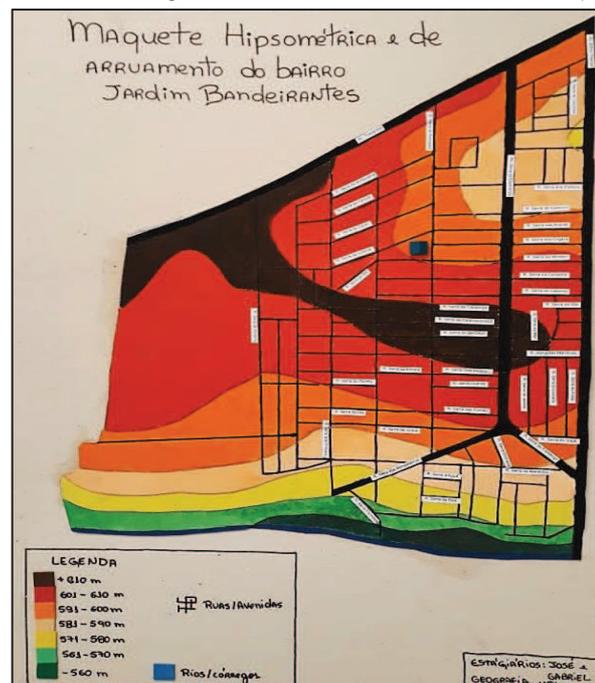
O ensino da geografia escolar deve ultrapassar o conhecimento livresco para responder às questões atuais que fazem parte das problemáticas da sociedade atual e proporcionar a construção de uma aprendizagem pautada na realidade no conhecimento historicamente produzido. Esta nova abordagem se faz necessária, pois as transformações ocorridas no espaço geográfico mundial e nacional carecem de um novo diálogo do ser humano com o mundo. Tal diálogo pode ser realizado por meio das

ações educativas que permitam a análise da percepção dos sujeitos atuais sobre o meio em que vivem (MANSANO, 2014, p.30).

Visto que a utilização de novos recursos didáticos são necessários, propôs-se como atividade a confecção de uma maquete, para os educandos do Colégio Estadual Antônio de Moraes Barros, localizado no bairro Jardim Bandeirante, com o intuito de contribuir no ensino de geografia. Com esta proposta tem-se por perspectivas que os educandos consigam entender de forma prática, dinâmica e reflexiva, como se constitui a configuração espaço-territorial do bairro e sua hipsometria, assim espera-se que os mesmos também possam constitui uma sentido capaz de captar as redes de conexões e relações existentes no espaço entre estes elementos da paisagem e as relações e atividades humanas cotidianas no espaço urbano.

Em um primeiro momento a maquete que pode ser observada na figura 2, seria levada e apresentada finalizada a todos os educandos, para que estes possam ter a ideia de onde o colégio encontra-se localizado no contexto do bairro e também da própria cidade de Londrina. A partir deste primeiro contato onde dúvidas e questionamentos poderiam ser respondidos e discutidos o docente responsável observaria e mediará o processo de análise e debate entorno das questões e temáticas que o mesmo acredita serem mais pertinentes de serem abordadas em determinado momento. A exploração do recurso depende muito das interações e percepções extraídas e desenvolvidas pelos educandos, devido a isso é fundamental trazê-los para a centralidade do processo de leitura da maquete, sempre os auxiliando em dúvidas e instigando questionamentos e reflexões.

Figura 2 – Maquete do bairro Jardim Bandeirantes - Londrina (PR):



Fonte: Os autores.

Em posterior a este primeiro contato, ficaria sobre decisão do docente a possibilidade de aplicação da atividade em sala de aula, fazendo com que os educandos participem do processo de construção da maquete. Neste ponto é essencial que o docente analise as condições estruturais e de organização do ambiente escolar para ter a ideia das possibilidades disponíveis na realidade da escola.

Ressaltamos por meio desta proposta de atividade didática apresentada e elaborada a importância em se trabalhar as temáticas socioambientais, em especial no caso aquelas relacionadas aos aspectos da geomorfologia (relevo), hidrografia (rios, córregos) e arruamento urbano (vias de circulação). Observa-se enquanto objetivos e perspectivas sempre a proposição de discussões e reflexões acerca destas temáticas e conteúdos de forma mais prática, interativa e construtiva para os educandos e também os próprios docentes.

A visão que norteia esta prática deve estar em busca de facilitar a apreensão de conceitos e temas que por sua vez podem possuir uma difícil visualização empírica e prática por parte dos educandos, tendo em vista a escala de ocorrência e observação destes fenômenos sobretudo ligados a temáticas da geomorfologia.

Além destes aspectos, destaca-se a relevância de se buscar no ensino, em especial de Geografia, a valorização do cotidiano e dos espaços de vivência diária dos educandos, pois assim quando transferimos as explicações sobre determinados conteúdos de escalas mais distantes para escalas mais próximas de observação dos objetos, fenômenos e processos, pode-se obter um importante avanço nas discussões, além de tornar-se mais perceptível aos educandos as conexões existentes entre seu cotidiano e os processos e ações praticadas por estes individualmente ou no coletivo.

Reitera-se aqui a valorização do estabelecimento de conexões no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que os processos e fenômenos de ordem espacial e territorial precisam ser analisados a partir de suas inter-relações, seja entre agentes ou entre ações. Tendo isto em vista, ao se trabalhar a constituição das redes de circulação urbana (ruas) e fenômenos relacionados à dinâmica dos processos de trânsito nas cidades é essencial o estabelecimento da capacidade de correlação destes com os aspectos do relevo, sobre o qual a cidade se constitui, e em posterior refletir sobre as condições locais do bairro onde os educandos residem e estudam, para que se possa refletir sobre os impactos do relevo nas ações e práticas humanas do dia a dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo consistiu-se da análise e reflexão acerca de uma atividade didática proposta e planejada para a aplicação no ensino de Geografia, no Colégio Estadual Antônio de Moraes Barros, um colégio

localizado em um contexto socioespacial mais periférico da cidade de Londrina, para promoção da discussão e reflexão de temáticas socioambientais, em especial atreladas a conteúdos e conceitos da geomorfologia e hidrografia. O que levou a realização e sistematização deste mesmo artigo é o entendimento do quanto esta prática didática da construção de maquetes pode contribuir e representar ao processo de ensino-aprendizagem, tanto no contexto deste colégio, quanto também de outras instituições escolares.

Tem-se por perspectiva que este trabalho consiga apresentar uma linguagem distinta que pode e precisa ser apropriada pelos docentes, em especial de Geografia, não somente ao se trabalhar com temáticas socioambientais e geomorfologia, mas sim com os mais diversos conteúdos e temas. O intuito principal é o de inovar, sem buscar recursos muito distantes da realidade do próprio educando, e por isso também a importância de se ressaltar os processos e fenômenos espacializados no seu bairro.

Se o processo de conscientização e sensibilização do educando para as questões colocadas na realidade não tem por base o seu próprio cotidiano e seu lugar e espaço de vivências diárias, como pode-se esperar que o mesmo adquira compreensão de processos e questões de escala nacional ou mesmo global? Refletir o ensino a partir do cotidiano dos educandos pode ser o primeiro passo, em uma caminhada constante e sinuosa de ações e posturas a serem desenvolvidas pelo docente, para promover o exercício da mudança na realidade, incentivando a adoção de uma prática cidadã por parte dos educandos.

Assim sendo, ainda destaca-se a importância de trabalhar questões como o relevo e a hidrografia sob novos pontos de vista, que deem a devida importância e centralidade a interação existente entre sociedade e ambiente, ao passo de se buscar constantemente trabalhar a complexidade a qual o ambiente adquire na contemporaneidade, pois de acordo com Casseti (1991):

O relevo, como componente deste estrato geográfico no qual vive o homem, constitui-se em suporte das interações humanas e sociais. Refere-se, ainda, ao produto do antagonismo entre as forças endógenas e exógenas, de grande interesse geográfico, não só como objeto de estudo, mas por ser nele – relevo – que se reflete o jogo das interações naturais e sociais (CASSETI, 1991, p.34).

Portanto, destacam-se as contribuições que esta linguagem didática, a maquete, representa em especial para a realidade educacional do Colégio Estadual Antônio de Moraes Barros, este que por sua vez, apresenta-se enquanto uma instituição escolar desfavorecida de determinados recursos didáticos diferentes, que poderiam ser utilizados pelos docentes desta instituição. Dessa forma, a construção e posterior doação da maquete ao colégio, aumentaria a quantidade de materiais didáticos ao alcance e utilização dos docentes desta instituição. Além disto, a maquete representa para o colégio e seus

educandos uma forma destes se auto visualizarem e compreender sua inserção na trama espacial urbana londrinense, em toda sua complexidade de elementos, formas e paisagens.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, J. W. L. T. de; MYSCZAK, L. A.; OLIVEIRA, F. A. de. Bacias hidrográficas simuladas em maquetes: prática pedagógica para ensino fundamental e médio. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 7, p.25-39, 2016. Disponível em: <www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/336537>. Acesso em: 10 ago. 2018.

CASSETI, V. O significado do relevo no estudo ambiental. In: CASSETI, V. Ambiente e apropriação do relevo. São Paulo: Contexto, 1991. p. 28-53

CAVALCANTI, L. de S. Geografia escolar e a construção de conceitos no ensino. In: CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998. p.121-136.

DUARTE, G. F. et al. A utilização da maquete na construção do saber geográfico: um relato de experiência do PIBID. In: 2º CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Anais**. Campina Grande, 2015.

FLORENZANO, T. G. (org.) **Geomorfologia: conceitos e tecnologias atuais**. São Paulo: Oficina de Textos, 2008.

FONSECA, R. L.; ANDUJAR, P. V. A maquete como recurso didático no ensino de Geografia. In: FONSECA, Ricardo Lopes et al (Org.). **Projetos geográficos na construção do ensino de geografia: em busca de uma nova prática pedagógica na escola**. Pará de Minas: Virtual Books, 2014. p. 82-88.

GOOGLE EARTH. **Imagens de satélite da cidade de Londrina (PR)**, 2018.

LONDRINA. **Sistema de Informação Geográficas de Londrina – SIGLON**, 2018. Disponível em:<http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=20114&Itemid=1988>. Acesso em: 20/08/2018.

MANSANO, C. do N. Os estudos do meio: uma estratégia didática para o ensino de Geografia. In: FONSECA, Ricardo Lopes et al (Org.). **Projetos geográficos na construção do ensino de Geografia: em busca de uma nova prática pedagógica na escola**. Pará de Minas: Virtual Books, 2014. p. 24-42.

OLIVEIRA, B. R. de; MALANSKI, L. M. O uso da maquete no ensino de Geografia. **Extensão em Foco**, Curitiba, p.181-189, 2008.

SILVA, A. F. da; SANTOS, W. V. dos. O uso de recursos metodológicos no ensino de geomorfologia: uma análise aos livros didáticos e uma reflexão sobre a importância da aula de campo. In: 1º COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA. **Anais**. Maceió, 2018.

SILVA, E. R. F. da; ARAÚJO, R. L. de. Utilização da maquete, como recurso didático para o ensino da Geografia. In: 1º COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA. **Anais**. Maceió, 2018.